

# As raízes barrocas do menino de S. João del Rei



*Tancredo nos tempos em que estudava Direito*

Um dos traços mais característicos do caráter de Tancredo Neves era sua fidelidade a São João del Rei, onde nasceu no dia 4 de março de 1910, em um sobrado colonial da Rua Direita, a mais tradicional da cidade. Tancredo foi um homem de São João del Rei profundamente fiel às raízes mineiras que o prendiam ao barroco das velhas igrejas (católico por convicção, tinha ternura especial pela liturgia) e à herança libertária dos poetas inconformes.

Seu pai, Francisco de Paula Neves, era um próspero comerciante atacadista de secos e molhados. A mãe, Antonina de Almeida Neves, Dona Sinhá, era mulher culta (pianista, vinha ao Rio anualmente por ocasião das temporadas líricas) e exigente na educação dos filhos — 12, ao todo —, cuja criação assumiu totalmente com a morte do marido, em 1925. Dona Sinhá morreu em 1967, aos 86 anos.

Tancredo, o quinto na escala de idade dos filhos, fez o curso secundário no Ginásio Santo Antônio, em São João del

Rei. Em seguida, tentou um sonho de infância: tornar-se oficial da Marinha. Fez o concurso no Rio, classificou-se em 26º lugar, mas apenas 25 aspirantes à carreira foram convocados. Inscreveu-se então no curso de Engenharia de Minas, em Ouro Preto. Boêmio à essa época, costumava consumir as noites em tertúlias com os colegas de república.

Como a mãe, viúva, já enfrentasse dificuldades para sustentar os filhos, Tancredo resolveu mudar-se para Belo Horizonte, onde podia estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Conciliou o curso de Direito na Universidade de Minas Gerais com o trabalho de revisor, repórter e redator do **Estado de Minas**. Tinha predileção pelo Direito Civil e o gosto da leitura o levou aos clássicos franceses, como Montaigne, Voltaire, Rousseau e Montesquieu. Apreciava também Eça de Queirós. Formado em 1932, voltou à cidade natal para exercer lá a advocacia.

O jovem advogado tanto se destacou que já em 1933 era o promotor público de São João del Rei. Ficou na função duran-

te três anos, mas não gostava dela: preferia defender a acusar. Tancredo advogou em São João até 1945. Durante esse período e antes dele, sobretudo, desenvolveu ali outros pendores: tocou flauta na Orquestra Ribeiro Bastos, tradicional grupo musical sanjoanense; foi meia-direita do time de futebol do Sparta e presidente de outro clube local, o Minas; e apareceu como ator em comédias do teatrólogo Abadie Faria Rosa.

Em 25 de maio de 1938, casou-se com Risoleta Guimarães Tolentino, filha de fazendeiros no Município de Cláudio, Oeste de Minas. Ele tinha 28 anos e ela 21, incompletos. Ela fora rainha do carnaval em Cláudio e achava Tancredo muito parecido com o ator George Raft, então em grande evidência pelo seu desempenho no filme **Scarface**. Como o ator, Tancredo tinha pequena estatura, calva pronunciada e era charmoso e conquistador.

O casamento teve festa inesquecível na Fazenda da Mata, onde imperava Dona Maria Guimarães Tolentino, Dona

Quita, mãe da noiva, matriarca do mais puro estilo mineiro (“Aqui em Cláudio eu não sou Tancredo; sou o genro da Quita” — reconheceria Tancredo já eleito Presidente da República). A Fazenda da Mata, nos tempos do avô de Dona Risoleta, Domingos da Silva Guimarães, **Seu Mingote**, tinha 600 alqueires. Foi dividida entre os herdeiros. Dona Risoleta e Tancredo ficaram com 300 hectares, onde plantaram café, milho, arroz e feijão e criaram gado de leite.

Na fazenda, em São João del Rei, no seu apartamento da Avenida Atlântica, no Rio, ou nos palácios governamentais, Tancredo Neves acordava habitualmente às seis da manhã. Ou antes, para ler, se não pudera ler antes de dormir, o que fazia geralmente por volta da meia-noite. Esses eram hábitos dos quais não abria mão, assim como cultivava muitos costumes simples de um autêntico mineiro da Zona da Mata. Por exemplo, nunca rejeitou um almoço com frango ao molho pardo e jamais deixou de ir à missa aos domingos.

Gostava de música erudita: Bach, Beethoven, Liszt, Chopin. Ia ao teatro quando podia (“a última peça a que assisti foi essa sobre a vida de Getúlio”), só assistia a filmes históricos (“vi **Danton**, um filme excepcional sob todos os pontos de vista: pela fidelidade histórica, pela interpretação dos artistas e o desdobramento das cenas”), tinha como compositores populares favoritos “o grande Milton Nascimento e o nosso Chico Buarque de Holanda” (lamentava ainda não ter tido tempo de ouvir atentamente o samba **Vai Passar**) e era capaz de recordar-se dos grandes craques do futebol brasileiro do passado: “Ainda sou do tempo de Friedenreich, passei pelo Leônidas da Silva e cheguei ao Pelé. São os três maiores que conheci.”

Andava muito: “Sempre que posso caminhar, caminho”. Só tomava banho frio e nunca deixava de fazer as suas preces: “A única coisa que tenho dentro de mim que realmente tem substância é a fé, que é profunda”.